

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL - ONGS E MOVIMENTOS
SOCIAIS: SONHO OU PESADELO? O DESAFIO DA EDUCAÇÃO
NO TERCEIRO SETOR

Gustavo Kosienczuk Gomes
UEL – gustavo.kosienczuk@uel.br
Maria Ruth Sartori da Silva
UEL – masol_50@hotmail.com

Eixo 8: Educação e Política

Resumo:

O presente texto tem e sua gênese nos estudos realizados em sala de aula, na disciplina: “Coordenação do Trabalho Pedagógico em espaços de educação não formal do Curso de Pedagogia na Universidade Estadual de Londrina. Este trabalho é de pesquisa qualitativa bibliográfica, utilizando autores principalmente brasileiros, como: Dagnino (2004); Fonsêca (2006); Gohn (1997); Montanõ (2013); Peroni (2013); e Viriato (2004). Importantes pesquisadores que se dedicaram em pesquisas sobre a dimensão não formal da educação e em que espaços e maneiras ela ocorre no Brasil. Baseando o presente estudo nas contribuições destes autores podemos compreender uma delicada situação em que se encontram as atividades educacionais do Terceiro Setor (Organizações Não Governamentais – ONGs - e Movimentos Sociais), que concentram a maior parcela das atividades de Educação Não-Formal, dentro de uma disputa político-ideológica de dois projetos de governo em jogo no cenário brasileiro. Buscando compreender quais as possibilidades e dimensões da atuação do Pedagogo na Educação não formal, percebe-se que este possui imensa responsabilidade ao trabalhar nestes espaços, por suas especificidades, demandas e razões de ser, por isso seu trabalho deve ser desenvolvido de forma crítica e eficaz para a emancipação de mentes e transformação de realidades. Educar as pessoas para que estas transformem o mundo, como diria Paulo Freire (1979).

Palavras-chave: Educação Não-Formal; Política; Pedagogia.

Introdução

O Brasil apresenta ao longo de seu território um imenso leque de diversidades, o presente estudo surge na tentativa de compreender essas especificidades e os diversos campos de atuação do Pedagogo em espaços não-formais de educação, como se organiza, como dialoga com o estado - que estado? - e com a sociedade.

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

O texto visa tratar sobre as dimensões do Trabalho Pedagógico nos espaços de Educação Não-Formal no contexto brasileiro. Este trabalho possui sua importância quando pensamos a Educação como um processo vivo, dinâmico, essencial e unicamente humano. Sendo assim, ela está presente em todos os lugares, todos espaços, contextos, relações, saberes e fazeres. Por isso o pedagogo, como profissional e estudioso da educação, deve buscar conhecê-la o mais profunda e amplamente possível.

A Educação, em seu aspecto não-formal, é objeto de estudo por muitos e muitas, basicamente se compreende como aquela formação que ocorre fora do Sistema Educativo regulado pelo estado, não de forma a se opor a este, pelo contrário, de forma a completá-lo e dar-lhe maior relevância contextualmente. Com base em AFONSO (2001), é possível aprender que a educação não-formal é aquela que, apesar de seguir uma estrutura e uma organização e levar seu estudante a uma certificação, se diferencia da educação formal por ser muito flexível em questão aos horários, espaços e conteúdos.

O autor dialoga que a educação não-formal considera e reaviva a cultura de todos os indivíduos que se envolvem com ela, a fim de possibilitar a transformação social criando condições para que estes sujeitos participem ativamente nos processos históricos que os circundam de forma ativa e reflexiva¹.

A educação não-formal tende a levar muito em conta a formação dos professores, exigindo principalmente que possuam competência para ofertar esse tipo de educação no contexto específico a que se propõe (GENTILI e BENCINI, 2000).

Gohn, Simson e Fernandes (2007) também iluminam a compreensão sobre a educação não formal ao lecionar que:

As práticas da educação não-formal se desenvolvem geralmente fora dos muros da escola – nas organizações sociais, nos movimentos e programas de formação sobre direitos humanos, cidadania, práticas identitárias e lutas contra a desigualdade e a exclusão social. Essas práticas estão no centro das atividades das ONGs e dos programas de inclusão,

¹ Ibidem.

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS
especialmente no campo das artes, educação e cultura.
(GOHN, SIMSON; FERNANDES, 2007 p. 13)

Sabendo disso, resta a pergunta sobre quais as possibilidades e as dimensões de atuação do profissional pedagogo neste campo, nestes espaços. Responder esta pergunta será nosso objetivo.

Objetivos

O presente texto busca compreender as dimensões – limites, possibilidades e demandas – do trabalho do profissional de Pedagogia na educação não-formal dentro do atual contexto brasileiro, conhecendo a natureza dos espaços de atuação e da Educação Não-Formal, seu público alvo e influências externas.

Metodologia e Referencial Teórico

A opção metodológica para este trabalho foi a pesquisa bibliográfica qualitativa que, para Silva (2005), tem um caráter dinâmico onde mundo e sujeito se relacionam indissociavelmente interpretando e resignificando fenômenos específicos, foram consultados os seguintes autores para composição do núcleo duro do texto: Dagnino (2004); Fonsêca (2006); Gohn (1997); Montanõ (2013); Peroni (2013); e Viriato (2004).

Analisa-se o trabalho dos autores citados acima, tecendo um diálogo entre os mesmos e outros textos, seja para melhor elucidar as ideias, enriquecer ou ampliar a compreensão.

O Pedagogo e o contexto social da política para o terceiro setor – ONGs

Como já exposto, as práticas características da educação não-formal estão no centro das atividades de ONGs, por este motivo se faz necessário compreender as políticas de participação e acesso voltadas para o terceiro setor.

As ONGs começaram a surgir na última década do século XX, dividindo espaço com os movimentos sociais, elas vieram desde sempre atuando de forma menos reivindicativa - sem se eximir desta - e mais participativa, mobilizando pessoas e fiscalizando atuação do estado e outros

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

órgãos, com um caráter mais social, no sentido de servir a comunidade e reivindicar direitos a esta, como nos ensina Gohn (1997).

A autora, no mesmo texto, busca por um momento definir seu objeto de estudo, Movimentos Sociais e ONGs, elementos de difícil definição, de conceito por vezes fluido. Ela, assumindo os riscos da falibilidade humana, nos oferece:

Movimentos sociais são ações sociopolíticas construídas por atores sociais pertencentes a diferentes classes e camadas sociais articuladas segundo uma identidade de interesses comuns amalgamada pela força do princípio da solidariedade. Esta solidariedade é construída a partir de uma base cultural referencial de valores compartilhados pelo grupo em espaços coletivos não institucionalizados tendo como suporte entidades e organizações da sociedade civil com agendas de atuação construídas ao redor de demandas socioeconômicas ou político-culturais que abrangem certas problemáticas conflitivas na sociedade (GOHN, 1997, p.11).

Ela mesma explica, posteriormente, esse conceito, dizendo que são sempre movimentos políticos, frutos de uma determinada demanda social. Incluem diversos atores sociais, se baseiam na solidariedade, constroem seus valores na dinâmica da ação e fogem da abstração se unindo com instituições concretas quando necessário. A autora explica que, por vezes, por demanda dada pela persistência da situação-problema, o movimento se regulamenta e então se torna uma ONG².

A atuação do pedagogo dentro dessas Organizações não Governamentais vem crescendo muito, como aponta Fonsêca (2006), mas é essencial a atenção constante sobre as influências que o pedagogo sofre para se fazer presente nestes espaços. É mister que não haja um apequenamento de seu trabalho e uma mera instrumentalização de seus conhecimentos e competências multidisciplinares, pois isto inferiria diretamente na formação do pedagogo e o afastaria ainda mais de seu papel verdadeiramente educacional e interventor intencional na formação humana, contudo o que se pode perceber observando os últimos anos de Educação Não-Formal no Brasil é exatamente isso (FONSÊCA, 2006).

² Ibidem.

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

A proliferação de cursos de Pedagogia sendo ofertados em todos lugares e modalidades junto com o encurtamento do período de estudos e o afunilamento das áreas do saber estudadas são consequência da ação instrumental do Pedagogo junto aos espaços de Educação Não-Formal. A formação do Pedagogo está caminhando para o sentido imediato e extremamente oposto ao das ONGs, enquanto estas se propõe a contribuir para uma formação integral, holística e libertadora de crianças, jovens e adultos, os cursos de Pedagogia no Brasil tem caminhado para uma dimensão simplista e utilitarista, que se resume a oferta simplesmente do domínio de técnicas de organização do trabalho. Não que as técnicas e o saber-fazer não sejam importantes, pois o são, mas a sua exclusividade sem reflexão e domínio de conhecimentos básicos para leitura e compreensão da realidade de forma crítica apenas instrumentaliza e objetifica o profissional pedagogo, que tenderá a fazer o mesmo com as pessoas a quem deveria auxiliar no exercício da emancipação (Ibidem).

Isso se deve ao fato de que a formação e atuação do pedagogo no Brasil, e não só este, mas todos profissionais que atuam com formação, organização e desenvolvimento humano, se encontram no meio de uma disputa de interesses de viés político. É o que Dagnino (2004) chama de Confluência Perversa, duas propostas de estado no Brasil que seguem em disputa há décadas. De um lado, um processo de democratização do estado que visa criar pontes de acesso a democracia participativa e conta com o envolvimento de movimentos sociais e ONGs na formação de políticas públicas por meio de um diálogo mais horizontal e um poder menos concentrado (DAGNINO, 2004).

Do lado oposto, uma proposta neoliberal e um projeto de governo que visa distanciar as pessoas dos centros de participação política, descreditando os serviços públicos na visão da sociedade para promover privatizações e eximir o estado de seus deveres com o povo - o que Peroni (2013) também vem criticar com uma fala certa e coesa -, reduzindo assim os direitos da sociedade civil e estimulando as ONGs a suprirem as lacunas do estado. Como se pode perceber, são dois projetos que precisam da

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

participação civil de forma ativa e propositiva, por isso as ONGs, e Movimentos Sociais, estão sendo estimuladas na atual conjuntura do país³.

Indo de encontro ao pensamento democratizante, o IPEA, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, oferece uma pesquisa onde os autores constataram que entre os gestores federais das políticas se faz muito presente a intenção de estabelecer uma interação democratizante com as ONGs, que, dentre outros motivos, auxiliam no contato com comunidades locais e principalmente com grupos marginalizados da sociedade para uma melhor participação coletiva, pois há a compreensão e busca de um Estado Democrático de Direito onde o Estado e a Sociedade Civil podem e devem elaborar e executar políticas públicas em conjunto.. (LOPEZ e ABREU, 2014).

Do lado do projeto Neoliberal estão as questões expostas por FONSECA (2006), a que Dagnino (2004) acrescenta estarem manipulando e reformulando a compreensão de conceitos, principalmente os de Sociedade Civil, Participação e Cidadania, que dão nome ao texto da autora. Essa reformulação dos conceitos é feita para afastar as pessoas da participação democrática e dos espaços de poder decisórios, isolando as ONGs e Movimentos Sociais, reduzindo-os a um “Terceiro Setor” deslocado da Sociedade Civil, como se fossem todas um único movimento homogêneo com interesse próprio, o que evidentemente não são (DAGNINO, 2004).

A atuação das ONGs e Movimentos Sociais, segundo aponta Gohn (2013), vem se transformando a partir da década de 1990. Vem crescendo o movimento de Participação Cidadã, onde as pessoas se mobilizam, filiam-se a grupos já existentes ou não, por necessidades pontuais e que visam, geralmente, a sociedade em geral. Essas práticas em geral estão voltadas para esse projeto de democratização, são práticas que “rompem com uma tradição de distanciamento entre a esfera onde as decisões são tomadas e os locais onde ocorre a participação da população” (GOHN, 2013, p.240).

Dentre tudo isto, como visto no início deste bloco, o Pedagogo tem seu papel e um árduo dever. Junto talvez com o Assistente Social e outros profissionais de áreas de serviço humano especializadas que vem sendo substituídas gradativamente por ações de voluntariado estimuladas

³ Ibidem.

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

por órgãos e instituições públicas. Não que estas práticas sejam em si prejudiciais a sociedade, porém atualmente vem sendo um instrumento do projeto neoliberal para fragmentar a sociedade e individualizar o trabalhador, responsabilizando-o pelo seu contexto (MONTAÑO, 2013).

Montaño (2013), em sua fala, é outro autor que, com muita base, trazendo informações conceituais e concretas, faz a denúncia sobre o projeto neoliberal de estado em implantação no Brasil. Ele aponta a crise do Capital como não uma falha em si, mas como uma etapa do Capital que é necessária para a manutenção do *status quo* e que, no Brasil, é usada de forma clara dentro do projeto Neoliberal para pulverizar a classe trabalhadora e encurralar cada indivíduo, desarmando os movimentos e colocando as pessoas em posições individuais de defesa – “preciso aceitar qualquer coisa para manter o meu emprego” - e não mais coletivas de reivindicação – “precisamos nos mobilizar juntos para conseguirmos melhores condições, direitos básicos e garantias para todos” (MONTAÑO, 2013).

É dentro dessa realidade política violenta de resistência à opressão e domínio hegemônico que o pedagogo se encontra e percebe seu trabalho. Dentro destas instituições do Terceiro Setor - ONGs e Movimentos Sociais - que ele tem seu espaço para atuar e deve procurar fazer de forma crítica, para a libertação e autonomia dos indivíduos. Esse é o contexto de atuação do Pedagogo, onde ele articula as dimensões do saber, do saber-fazer e da reflexão, visando objetivos de prática social (FONSÊCA, 2006) e de Participação Cidadã (GOHN, 2013).

O Pedagogo e o Trabalho-Pedagógico em espaços Não Formais

Dr. Ricardo Antunes de Sá (2000), professor na Universidade Federal do Paraná, parte de uma compreensão do trabalho como princípio educativo e busca caracterizar a dimensão pedagógica dos processos educativos não-escolares. Dentro do contexto contemporâneo brasileiro, ele investiga a possibilidade de intervenção que o pedagogo possui no âmbito da Sociedade Civil organizada, articulando conhecimentos e ações desta, bem como organizando a práxis pedagógica da educação que ocorre nestes espaços, tendo o trabalho como princípio educativo (SÁ, 2000).

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

Trabalho como princípio educativo pois é compreendido como meio de produção de si e do seu mundo, o mundo histórico e da cultura, citando Saviani (1991). O autor denuncia que a atual sociedade e a modernização dos meios de produção - não ela em si, mas sua utilização dentro da lógica do capital, como ensina Montañó (2013) - vem rompendo a unidade dialética teoria/prática do trabalho, criando, nos conceitos do autor, “indivíduos intelectuais”, que pensam no processo de produção, e “indivíduos manuais”, que apenas executam. Essa ruptura promove um lento processo de desumanização e objetificação do trabalhador manual (SÁ, 2000) e, a meu ver, da maneira que aquele dito indivíduo intelectual percebe o mundo.

O autor nos introduz o conceito de Dimensão Pedagógica dentro do trabalho, ele diz:

Se o trabalho é um princípio que educa, que transforma e que produz conhecimento, sob a atuação intencional do sujeito histórico, aquele então, apresenta uma Dimensão Pedagógica (SÁ, 2000, p.175).

E completa falando sobre a complexidade e importância de identificar esta Dimensão Pedagógica, principalmente do trabalho não-material que ocorre nos espaços não-formais:

Buscar caracterizar a Dimensão Pedagógica é buscar possibilidades de educação para a cidadania, para a melhoria de qualidade de vida e da comunidade. É vislumbrar as possibilidades e os limites das instituições sociais na construção de um processo de hegemonização do discurso solidário e transformador.

Apreender a Dimensão Pedagógica do trabalho educativo não-escolar no âmbito das relações contraditórias da sociedade contemporânea é entender as possibilidades históricas de transformação social através do trabalho de elevação cultural e moral dos sujeitos históricos, partindo do pensamento gramsciano, tomar o núcleo do bom senso existente no senso comum e, à luz da natureza de cada espaço de trabalho educativo não-escolar, trabalhar para que as pessoas de uma determinada comunidade atendida ou participante daquela instituição ampliem suas possibilidades de atuarem como cidadãos engajados na construção de uma nova hegemonia social (SÁ, 2000, p.176).

.Esta é a difícil tarefa que o Pedagogo possui dentro dos espaços de educação não-formal, a qual seria totalmente impossível de ser realizada com um curso apequenado, reducionista, acrítico e simplesmente utilitarista. Até porque é impossível oferecer uma formação utilitarista

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

minimamente eficaz quando se pensa na dimensão educacional não-formal que, como exposto anteriormente, é um movimento pontual, político, localizado no tempo, que comunga diversas necessidades e sujeitos específicos. É um acontecimento autóctone, pois é totalmente genuíno e original de seu tempo, espaço e grupo.

O Pedagogo tem a incumbência de mobilizar este grupo e orientar para a reivindicação e construção de pontes de acesso, de formação e atuação que atendam às demandas específicas, tudo de forma esclarecedora, consciente, autônoma e ativa, sem se deixar determinar por influências externas coercitivas do capital e da mídia, conduzindo o grupo a uma formação que o liberte das condições fragilizadas que se encontrava anteriormente e que deu origem a formação da ONG ou Movimento. Tudo tendo em vista um projeto de sociedade mais justa e igualitária dentro de uma política democratizante e participativa que se constrói a cada dia pela constante prática social (FONSÊCA, 2006) e participação cidadã (GOHN, 2013).

Dentro dessa compreensão vale ressaltar que, nas palavras de Fonsêca (2006):

A atividade profissional do educador não se situa apenas no âmbito do conhecimento, mas envolve também uma dimensão ética, na medida em que lida com valores, interesses e concepções de homem e de mundo que estão na base dos processos de formação realizados com crianças, jovens e adultos, tendo em vista a sua preparação para a vida social, a participação cidadã e a inserção no mundo do trabalho (FONSÊCA, 2006, p.6).

É evidente a importância e relevância da ação de um educador em espaços não-formais de ensino, bem como a responsabilidade que este profissional assume neste contexto, muito mais do que um professor da rede pública ou de qualquer outra instituição de ensino privada - pois nestas há sempre uma complexa determinação superior, um sistema a ser seguido, um órgão regulador. O profissional educador dentro desta realidade deve ser, mais do que nunca, um sujeito crítico, consciente, pensante, ativo e, principalmente, responsável.

Em caminho de síntese se faz relevante dar voz ao estudioso e crítico cultural Henry Giroux (1997):

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

Encarar os professores como intelectuais também fornece uma vigorosa crítica teórica das ideologias tecnocráticas e instrumentais subjacentes à teoria educacional que separa a conceitualização, planejamento e organização curricular dos processos de implementação e execução. É importante enfatizar que os professores devem assumir responsabilidade ativa pelo levantamento de questões sérias acerca do que ensinam, como devem ensinar, e quais são as metas mais amplas pelas quais estão lutando. Isto significa que eles devem assumir um papel responsável na formação dos propósitos e condições de escolarização. Tal tarefa é impossível com uma divisão de trabalho na qual os professores têm pouca influência sobre as condições ideológicas e econômicas de seu trabalho (GIROUX, 1997, p.161).

Esta fala do autor toca, de certa forma, tudo que fora discutido anteriormente. É impossível um profissional pedagogo com uma formação tecnocrata redutivista atuar com o processo de formação humana na dimensão do trabalho, pois sua formação o aliena da complexidade da realidade e não fornece subsídios para criticá-la. O pedagogo deve ser capaz e ter competência pedagógica para se responsabilizar ativamente pelo processo de ensino que elabora e oferta.

É o que também expõe Sá (2000), dizendo que o educador precisa ter uma identidade epistemológica para atuar em espaços não-formais, pois estes revelam e discutem centralmente a dicotomia social da violência e resistência, que MONTANÕ (2013) considera essencial ser denunciada abertamente como presente na real e constante luta de classes. O Educador diz:

E por que a existência de uma identidade epistemológica?
Ora, as práticas educativas escolares e não-escolares se caracterizam por serem atividades desenvolvidas pelos homens em situações histórico-sociais definidas, imersos num determinado modo de produzir a existência material e espiritual. Esta práxis educativa, este trabalho, tem uma intencionalidade ético-política, se organiza de uma dada maneira, está implícita ou explícita uma determinada metodologia com o objetivo de atingir fins definidos, há sujeitos destinatários ou partícipes envolvidos nesta práxis (SÁ, 2000,p. 177).

O autor também discorre sobre a importância e essencialidade da formação de tal profissional educador ocorrer dentro do Locus Universitário, pois somente o amplo e rico contexto interdisciplinar de uma universidade pode oferecer as condições essenciais para uma formação

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

de qualidade para a atuação, seja na gestão ou na docência. Docência esta identificada pelo autor como a base da Identidade do Pedagogo, é para ela que todos os demais saberes devem convergir de forma intencional para a investigação e intervenção nos processos educacionais (SÁ, 2000).

Seja na docência ou na organização, o caráter específico e contextual da educação não-formal demanda um olhar sempre atencioso e crítico, bem como uma atuação decisiva, bem estruturada e pensada. O trabalho do pedagogo no campo da educação não-formal, mais do que nunca, deve ser para a formação humana crítica e emancipatória.

Conclusão - Espaços não formais: limites e possibilidades.

Conclui-se que os espaços de educação não formal são um campo totalmente distinto da educação ofertada pelo sistema educativo brasileiro, apesar de não ser oposto a este, pelo contrário, buscar complementá-lo e torná-lo significativo para as pessoas em seus contextos mais íntimos, a educação não-formal existe por demandas imediatas, diretas e extremamente específicas da vida de cada sujeito participante.

Cada espaço de educação não-formal é um mundo novo, por isso cada processo educativo deve ser desenvolvido de forma contextual para que seja significativo e relevante aos sujeitos educandos.

O Brasil vive um contexto de grande disputa político-ideológica de duas correntes de pensamento opostas: uma proposta democratizante, que quer aproximar as pessoas dos processos decisórios do estado, criando espaços de diálogo e acesso; contra uma proposta neoliberal de Estado, que busca afastar as pessoas dos processos decisórios e dominá-las com contingências econômicas, enquanto as culpabiliza totalmente por sua condição de vida e contexto.

Ambos projetos precisam de uma sociedade civil ativa e propositiva, porém, enquanto a proposta democratizante quer que as pessoas atuem assim dentro dos espaços de poder do estado, propondo e decidindo questões que afetam suas vidas e a sociedade em geral em um contexto macro, a proposta neoliberal quer uma sociedade civil ativa e propositiva em um espaço micro, se responsabilizando pelos problemas de sua sociedade, do

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

bairro ou da cidade, mas sem se envolver com o estado, apenas cobrindo os buracos deixados na tessitura social pela ausência deste. Dentro desta realidade, o Pedagogo, que se encontra cada vez mais presente nos espaços de Educação Não-Formal, pois há demanda, tem sua formação cada vez mais afunilada e simplificada, tornando-se um profissional utilitarista formado pelas demandas do capital por mão de obra e que, de forma acrítica, configurará as manifestações de educação não-formal em um reflexo de si, ao molde do que pede o capital.

É necessário que cada Pedagogo se posicione como sujeito político, busque uma formação intelectual e se coloque como sujeito transformador para atuar junto a estas realidades de forma a dar mais sentido as lutas de cada um e viabilizar sonhos e esperanças de transformação da sociedade, com um projeto de mundo sempre guiando seu olhar e sua atividade.

A Educação sempre foi e continuará sendo o principal alvo de disputa política, principalmente em territórios como o Brasil em que o estado possui a hegemonia sobre esta com órgãos reguladores em diversas instâncias. A Educação Não-Formal surge exatamente pela carência deixada por este estado que se propõe a ser onipotente porém está constantemente a falhar ou sendo ausente na promoção de uma vida justa, igualitária e digna a todos os cidadãos e cidadãs.

Os movimentos educacionais do Terceiro Setor surgem para complementar a educação oferecida pelo Sistema de Ensino e, infelizmente, em alguns casos, realmente acaba tapando os buracos deixados pelo governo. Como diz Celestino, em *Escola Pública como Local de Trabalho* (1993), as condições de acesso aos meios de participação e à educação de qualidade só vão se transformar com o envolvimento da sociedade civil, um envolvimento ativo, político, obviamente, e consciente, pois o Estado Brasileiro, a Escola Pública, não é do povo e nem para o povo, antes é contra este.

Em concordância com o autor, este texto afirma a imprescindibilidade de que a população conscientize-se cada vez mais sobre a centralidade da educação em suas vidas e busque envolvimento progressivo com esta. O caminho de “tapar buracos” deixados pelo estado é declaração de

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

descrença no poder estatal e, simultaneamente, talvez por consequência, falta de ânimo e coragem para se mobilizar e reivindicar por transformações. Se assim o for, o projeto de república democrática falhou, o melhor caminho seria o regresso às comunas, aldeias e vilarejos autônomos.

A única luz ainda não apagada é trabalhar por um projeto de democracia participativa real e compromissada. Democracia como um modo de vida, como pregava John Dewey (1916), pregação que ecoa na obra freireana e é um referencial pelo qual se pode ler a realidade brasileira e assumir uma postura ativa na construção de destino comum, re-orientando-se em direção a um novo horizonte (MURARO, 2012).

Referências:

AFONSO, Almerindo Janela. Os lugares da educação. In: SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes Von; PARK, Margareth Brandini; FERNANDES, Renato Sieiro (Orgs.). **Educação não-formal: cenários da criação**, Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp/Centro de Memória, 2001, p.09-19.

CELESTINO, C. Alves da Silva Júnior. **Escola Pública como Local de Trabalho**, Editora: Cortez, São Paulo, 1993.

DAGNINO, E. “¿Sociedade civil, participação e cidadania: de que estamos falando?” En Daniel Mato (coord.), **Políticas de ciudadanía y sociedad civil en tiempos de globalización**. Caracas: FACES, Universidad Central de Venezuela, 2004. (p. 95-110). Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/Venezuela/faces-ucv/20120723055520/Dagnino.pdf>>. Acesso: 22 nov. 2018.

FONSÊCA, Fábio do Nascimento. **Acerca da ampliação dos espaços de atuação profissional do pedagogo: inquietações, ponderações e cautelas**. Ago. 2006. Disponível em: <<https://www.passeidireto.com/arquivo/22430480/acerca-da-ampliacao-dos-espacos-de-atuacao-pofissional-do-pedagogo>>. Acesso em: 26 nov. 2018.

GIROUX, Henry. **Os professores como Intelectuais**. Rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. Disponível em: <https://dadospdf.com/download/giroux-h-professores-intelectuais-transformadores-_5a4505a4b7d7bc891f99e3b5_.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2018.

GOHN, Maria da Glória. Movimentos, ONGs e lutas sociais no Brasil nos anos 90. In: **Os sem terra, ONGs e cidadania: a sociedade civil brasileira na era da globalização**. São Paulo, Cortez, 1997.

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

_____.; SIMSON, O. R. M.; FERNANDES, R. S. (org.). **Não - fronteiras:** universos da educação não - formal. São Paulo: Itaú Cultural, 2007. 96 p. (Rumos Educação Cultura e Arte, 2). Disponível em: <<http://d3nv1jy4u7zmsc.cloudfront.net/wp-content/uploads/2012/02/000323.pdf>>. Acesso em: 27 nov. de 2018.

_____. **Sociedade Civil no Brasil:** movimentos sociais e ONGs. Meta: Avaliação | Rio de Janeiro, v.5, n. 14, p. 238-253, mai./ago. 2013. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/88583/1/2-s2.0-84888118760.pdf>> Acesso em: 28 nov. 2018.

MONTANÕ, Carlos. **Palestra realizada durante o 3º Simpósio Mineiro de Assistentes Sociais. Belo Horizonte**, Junho de 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=K3lakLC4hhc> Acesso em: 29 de Novembro de 2018.

MURARO, Darcísio Natal. **DEMOCRACIA COMO FORMA DE VIDA: RELAÇÕES ENTRE AS IDÉIAS DE JOHN DEWEY E PAULO FREIRE.** IX ANPED Sul, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2012. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/2984/938> Acessos em: 29 de Novembro de 2018.

PERONI, Vera Maria Vidal. **As relações entre o público e o privado nas políticas educacionais no contexto da terceira via.** Currículo sem fronteiras, v. 13, n.2, p. 234-255, maio/ago. 2013. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol13iss2articles/peroni.pdf> Acesso em: 28 de Novembro de 2018.

Paola Gentile e Roberta Bencini. Construindo competências. Entrevista com Philippe Perrenoud, Universidade de Genebra. O objetivo da escola não deve ser passar conteúdos, mas preparar - todos - para a vida em uma sociedade moderna. In **Nova Escola**, pp. 19-31. Brasil, Set, 2000. Disponível em: http://www.unige.ch/fapse/SSE/teachers/perrenoud/php_main/php_2000/2000_31.html#copyright Acesso em: 27 de Novembro de 2018.

SÁ, Ricardo Antunes de. **Pedagogia, identidade e formação:** o trabalho pedagógico nos processos educativos não escolares. Revista Educar. n. 16 (p. 171-180), Editora da UFPR, 2000.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Eстера Muszkat. **Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação.** 4.ed. rev. atual. – Florianópolis: UFSC, 2005.

VIRIATO, Edaguimar Orquizas. **Estado, Política Educacional e o Terceiro Setor.** I Congresso Internacional de Educação e Desenvolvimento Humano, Maringá, 2004.

LOPEZ, Felix Garcia. ABREU, Rafael. **A PARTICIPAÇÃO DAS ONGS NAS POLÍTICAS PÚBLICAS: O PONTO DE VISTA DE GESTORES FEDERAIS.** Texto para discussão / Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.- Brasília :

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

Rio de Janeiro : Ipea, 2014. Disponível em:

http://portal.convenios.gov.br/images/docs/MROSC/Estudos_e_Pesquisas/ponto_de_vista_dos_gestores_federais.pdf Acesso em 28 de Novembro de 2018.